

ÉTICA E MORAL

Como a Natureza, ou as divindades, não distribui equitativamente as riquezas das nações, nem os talentos individuais, que, do ponto de vista de justiça social, tal falta de equidade é uma injustiça. Então, o homem, numa tentativa de romper com as injustiças da natureza ou divinas, criou as ideias de "moral" e "ética". Na natureza não existe ética ou moral. Pois, é tão moral ou ético o leopardo matar e comer a zebra, quanto a zebra fugir e o leopardo morrer de fome.

Tanto a ideia de "*ethos*", do grego, como de "*mores*", do latim, conotam "costume" ou o conjunto de normas adquiridas pelos costumes. Porém, em grego temos "ethos" escrito inicial com a letra "η" (eta) que significa morada, abrigo, casa do homem. E, escrito inicial com "ε" (épsilon) que significa comportamento, costume. Modernamente diz-se que a Ética é a ciência que estuda e justifica os fundamentos das normas morais que trata do bem e do mal. E, Moral são regras e normas, impostas pelos costumes, as quais todos obedecem e que não necessitam de estarem escritas.

Costumo afirmar que a moral é mais ampla do que a ética, sendo esta, para mim, o conjunto das leis positivadas pelos poderes constituídos e aquela é inata ou universal. Pois, as leis positivadas devem nascer do agir moral. Ao estudar a moral o pensador alemão Immanuel Kant fazia a seguinte pergunta: Como devo agir? E, respondia com um imperativo categórico: Devo agir de tal forma que a minha ação possa ser universalizada! Quer dizer com isso que, cada um deve agir de tal forma que a ação de um não ofenda ao outro. Embora penso que existe sinonímia entre Lei positiva, Direito e Justiça, mas, sempre que a lei positivada coincidir com a lei moral, digo que é a realização da justiça. Obviamente que, se todos agissem conforme a moral kantiana ocorreria a tanatologia do Estado e o comunismo seria instalado. Porém, como o mundo não é composto só por santos ou sábios - sábio só necessita de lei positivada para impedir que os não-sábios cometam-lhes injustiças - e, como os homens são maus por natureza é necessário um Estado que os impeça de cometerem atrocidades uns contra os outros e que garanta a exploração de muitos por poucos, sem constrangimento moral.

Embora a Moral, aparentemente, tenha origem nos costumes, parece que os homens e mulheres são inatamente dotados - ou não, e muitos não o são - de consciência moral que são as ideias de justiça, de honra, espírito de sacrifício,

generosidade, etc., e também, são inatamente dotados - ou não, e muitos não o são - de senso moral, que são os sentimentos de admiração, vergonha, culpa, remorso, contentamento, cólera, amor, medo, etc. Tais atributos, são os talentos, são os dons naturais de cada pessoa, que, na linguagem cristã, são chamados de vocações e pecados, e, aristotelicamente, são chamados de virtudes e vícios. São ideias inatas no sentido de que elas estão “imprintadas” na “alma” de cada um desde o primeiro movimento material. Ou seja, a partir da fecundação do óvulo pelo espermatozoide.

Diferentemente, a Ética está dividida em diversas correntes: “Ética das virtudes ou do justo-meio” (Aristóteles), “Ética contratualista” (Hobbes, Locke e Rousseau), “Ética pragmática” (Maquiavel, Charles Sanders Peirce, William James e Richard Rorty), “Ética utilitarista” (Jeremy Bentham e Stuart Mill), “Ética universalista” (Immanuel Kant), “Relativismo ético” (Montaigne, David Hume e Nietzsche), “Totalidade ética” (Hegel), “Éticas da convicção e da responsabilidade” (Max Weber), “Ética discursiva” (Jürgen *Habermas*), “Pluralismo ético” (John Rawls), etc.

Maquiavel, em sua obra “O príncipe” defende um pragmatismo ético, afirmando que “o fim justifica os meios”. Tal fim não se refere a um bem comum, mas um bem individual, que é o poder do príncipe, o poder do governante. Diferentemente, tal afirmativa foi colocada de forma utilitarista por Stalin, “aquele que aceita o fim deve aceitar os meios”. Utilitaristamente isso quer dizer que para alcançar um bem comum ou produzir uma maior quantidade de bem para um maior número de pessoas possíveis, todos os meios disponíveis seriam válidos.

Nessa linha, não pragmática de Maquiavel, mas utilitarista de Stalin, poder-se-ia justificar o “mensalão”. O fim do “mensalão” seria tirar 30 milhões de brasileiros do estado de miserabilidade, que, moralmente, é um bem. Porém, os meios empregados não foram conforme o direito positivo, pois, compraram-se votos de deputados de vários partidos “aliados”, o que não é permitido pela lei positivada do Estado.

Mas, se os “mensaleiros” compradores de votos, diferentemente dos “mensaleiros” vendedores de votos, não usaram o dinheiro em benefício próprio, mas em benefício do todo, pela ética utilitarista tal ação estaria justificada. Mas, mesmo assim continuo pensando kantianamente que: Fins éticos exigem meios éticos!

Antonio Carlos
Curitiba, agosto de 2013